

CADERNO DE RESUMO
JORNADA DE ESTUDOS DO DISCURSO



2ª JED

Corpos (ins)urgentes: subjetividade e resistência





O projeto de pesquisa DISPOLI – Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade – tem início em 2017, inscrito no entremeio das ciências da linguagem e da comunicação. Reúne pesquisadores interessados em discutir e compreender o funcionamento do discurso em suas relações de poder-saber, bem como em sua relação com a memória e a história.

Nesse sentido, tem como lugar privilegiado de observação a esfera discursiva midiática, que possibilita estudos sobre os diferentes efeitos de sentido decorrentes de práticas e políticas atreladas ao campo do olhar, tais como: a espetacularização nos/pelos meios de comunicação/informação; a invisibilização e o silenciamento de sujeitos, saberes e sentidos; os processos de mostrar(-se) ou dar(-se) a ver como peças de dispositivos de vigilância; as demandas contemporâneas de visibilidade e representatividade.

As pesquisas vinculadas ao DISPOLI mobilizam a perspectiva teórico-conceitual da Análise de Discurso, viés que potencializa gestos de interpretação sobre o momento sócio-histórico-ideológico no qual nos inserimos e (nos) significamos. Desde o início do projeto, o coletivo que o compõe reúne-se em um grupo de estudos, dedicado à discussão de textos de cunho teórico-analítico filiados ao campo discursivo.

Em 2018, o projeto realiza a 1ª Jornada de Estudos do Discurso (1ªJED), congregando pesquisadores em torno de um fim comum, a rememoração dos 50 anos de Maio de 68. Em 2019, o DISPOLI propõe a 2ª edição da JED, com o tema *Corpos (ins)urgentes: subjetividade e resistência*, contemplando a problemática da (in)visibilidade social, cara a seus membros.



CORPOS (INS)URGENTES

23 e 24
MAIO
2019

SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA

Coordenação

Prof.^a Dr.^a Marluza da Rosa

Alisson Gampert (Bolsista PIBIC/CNPq)

Comitê Científico

Antônio Inácio dos Santos de Paula

Denise Nunes

Laura David Bucholz

Comitê de Divulgação

Alisson Gampert

Kawê Veronezi

Comitê de Logística e Cerimonial

Kawê Veronezi

Pâmela Francelino

Lucieli Buzatto Quevedo



PROGRAMAÇÃO

23/05

8h – 8h30	CREDENCIAMENTO
8h30 – 9h	ABERTURA
9h – 9h45	Dos corpos-zumbis à insurreição pelo corpo-presença Prof. ^a Dr. ^a Cristiane Dias (UNICAMP)
9h45 – 10h	DEBATE
10h – 10h15	INTERVALO
10h15 – 11h30	SESSÃO DE COMUNICAÇÕES 1. <i>Ocupando a Avenida Paulista: corpos que reclamam sentidos</i> Guilherme Ferragut 2. <i>Discurso de divulgação científica-tecnológica da ginoide Sophia: algo(em)ritmo</i> Antônio Inácio dos Santos de Paula 3. <i>O corpo (do) político: efeitos de sentido entre sujeito e suporte</i> Alisson Gampert 4. <i>Os corpos midiatizados nas eleições de 2018 em plataforma móvel: análise discursiva das fotografias nos jornais latino-americanos</i> Éverton de Oliveira Cabral; Bruno José Fiorini; Larissa Bortoluzzi Rigo 5. <i>O corpo (do) jornalista no ecossistema de mídia social: produção de identidade do jornalista no Stories do @Estadão no Instagram</i> Bruno José Fiorini; Éverton de Oliveira Cabral; Luciana Menezes Carvalho
11h30 – 11h50	DEBATE

13h30 – 14h15	<p style="text-align: center;">O funcionamento do corpo em práticas sociais da contemporaneidade</p> <p style="text-align: center;">Prof^{ta}. Dr^a. Verli Petri (UFSM – Santa Maria)</p>
14h15 – 14h30	DEBATE
14h30 – 14h45	INTERVALO
14h45 – 15h45	<p style="text-align: center;">SESSÃO DE COMUNICAÇÕES</p> <p>1. <i>Sobreviventes do Holocausto: o corpo errante como lugar de paragem do sujeito velho/idoso</i> Elivélton Assis Krümmel; Marilda Aparecida Lachovski</p> <p>2. <i>A fotografia do corpo indígena: o discurso sobre o outro como objeto de arte ou processo de documentação?</i> Bruna Cielo Cabrera</p> <p>3. <i>A insurgência de um “Corpo Estranho”</i> Pâmela Francelino</p> <p>4. <i>Um olhar sobre o corpo enquanto objeto discursivo</i> Andressa Fernandes</p>
15h45 – 16h	DEBATE
16h – 17h	<p style="text-align: center;">SESSÃO DE COMUNICAÇÕES</p> <p>1. <i>Publicização da dor: o corpo cortado em cena (encena)</i> Aline Bedin Jordão</p> <p>2. <i>Corpo com deficiência: o funcionamento da noção “sujeito-corpo” no Estatuto da Pessoa com Deficiência</i> Andressa Marchesan</p> <p>3. <i>Criminalização de hábitos e patologização social: o controle dos corpos a partir da difusão de manuais de saúde popular</i> André Portela do Amaral</p> <p>4. <i>Corpo, discurso e psicose: o acompanhamento terapêutico no andarilhar pelas margens da loucura na cidade</i> Christian da Cruz Chiabotto</p>
17h – 17h15	DEBATE
17h15	ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DO 1º DIA

24/05

8h30 – 8h45	CREDENCIAMENTO
8h45 – 9h30	<p style="text-align: center;">O lugar do corpo incômodo nos estudos do discurso</p> <p style="text-align: center;">Prof.^a Dr.^a Mônica Cassana (UNIPAMPA – Bagé)</p>
9h30 – 9h45	DEBATE
9h45 – 10h	INTERVALO
10h – 11h15	<p style="text-align: center;">SESSÃO DE COMUNICAÇÕES</p> <p>1. <i>O nariz vermelho rompe o lacre da neutralidade: O clown como processo de desconstrução do corpo-terapeuta</i> Camilla Baldicera Biazus</p> <p>2. <i>Homo Machina: a representação artística do corpo na cibercultura</i> Denise Fontana</p> <p>3. <i>Efeitos de sentido no corpo-discurso: um gesto de leitura sobre a obra “La Bête”</i> Renan Henrique Rodrigues</p> <p>4. <i>Análise da tatuagem como manifestação artística corporal</i> Raquel Martins da Costa; Taiane Centenaro Borges</p> <p>5. <i>O texto-partitura e o texto - intérprete: corpos enunciativos</i> Antônio Boabaid; Márcia Boabaid</p>
11h15 – 11h40	DEBATE

13h30 – 14h30	<p style="text-align: center;">SESSÃO DE COMUNICAÇÕES</p> <p>1. <i>A hipervisibilidade do corpo-imagem no discurso jornalístico</i> Marluza da Rosa</p> <p>2. <i>Nós-outros: nomeação dos sujeitos refugiados e alienação</i> Giulia Mendes Gambassi</p> <p>3. <i>Corpos que atravessam fronteiras: a (re)produção da imagem do corpo migrante na mídia</i> Laura David Bucholz</p> <p>4. <i>A posição-sujeito Agricultor Familiar: um corpo mediatizado pela propaganda “Agro, a indústria riqueza do Brasil”</i> Alessandra Stefanello</p>
14h30 – 14h45	DEBATE
14h45 – 15h	INTERVALO
15h – 16h	<p style="text-align: center;">SESSÃO DE COMUNICAÇÕES</p> <p>1. <i>Carolina Maria de Jesus: um olhar desde a análise dos discursos das mídias</i> Camilla Machado Cruz</p> <p>2. <i>A (in) visibilização da mulher negra no discurso publicitário: Análise discursiva a partir do comercial “Aliados pelo respeito” do Bradesco.</i> Carla Beatriz de David Ernesto</p> <p>3. <i>Ressonâncias do Feminismo na nova versão da canção infantil argentina “Arroz con leche”: uma análise discursiva</i> Neosane Schelemmer; Camilla Machado Cruz</p> <p>4. <i>Eu morro mais hoje, ontem ou amanhã? Os dados sobre feminicídio no Rio Grande do Sul (recorte temporal 2012-2018)</i> Jennifer Souza Alvares</p>
16h – 16h15	DEBATE
16h15 – 17h15	<p style="text-align: center;">CINE-DEBATE</p> <p style="text-align: center;">A visibilidade cinematográfica da mulher</p> <p style="text-align: center;">Debatedores: Prof.^a M^a. Vera Martins e Prof. Dr. Joel Guindani (UFSM/FW)</p>

SUMÁRIO

OCUPANDO A AVENIDA PAULISTA: CORPOS QUE RECLAMAM SENTIDOS 7

Guilherme Ferragut (Unicamp)

DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA-TECNOLÓGICA DA GINOIDE SOPHIA: ALGO(EM)RITMO 8

Antônio Inácio Dos Santos De Paula (UFSM-FW)

O CORPO (DO) POLÍTICO: EFEITOS DE SENTIDO ENTRE SUJEITO E SUPORTE 9

Alisson Gampert (UFSM-FW)

OS CORPOS MEDIATEZADOS NAS ELEIÇÕES DE 2018 EM PLATAFORMA MÓVEL: ANÁLISE DISCURSIVA DAS FOTOGRAFIAS NOS JORNAIS LATINO-AMERICANOS 10

Éverton De Oliveira Cabral (UFSM-FW) Bruno José Fiorini (UFSM-FW) Larissa Bortoluzzi (PUC-RS)

O CORPO (DO) JORNALISTA NO ECOSISTEMA DE MÍDIA SOCIAL: PRODUÇÃO DE IDENTIDADE DO JORNALISTA NO *STORIES* DO @ESTADÃO NO *INSTAGRAM* 11

Éverton De Oliveira Cabral (UFSM-FW) Bruno José Fiorini (UFSM-FW) Luciana Menezes Carvalho (UFSM-FW)

SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO: O CORPO ERRANTE COMO LUGAR DE PARAGEM DO SUJEITO VELHO/IDOSO 12

Elivélton Assis Krümmel; Marilda Aparecida Lachovski

A FOTOGRAFIA DO CORPO INDÍGENA: O DISCURSO SOBRE O OUTRO COMO OBJETO DE ARTE OU PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO? 13

Bruna Cielo Cabrera (PPG LETRAS/UFSM)

A INSURGÊNCIA DE UM “CORPO ESTRANHO” 14

Pâmela Francelino (UFSM/FW)

UM OLHAR SOBRE O CORPO ENQUANTO OBJETO DISCURSIVO 15

Andressa Fernandes

PUBLICIZAÇÃO DA DOR: O CORPO CORTADO EM CENA (ENCENA 16

Aline Bedin Jordão (PPGL/UFSM)

CORPO COM DEFICIÊNCIA: O FUNCIONAMENTO DA NOÇÃO “SUJEITO-CORPO” NO ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA 17

Andressa Marchesan (UFSM)

CRIMINALIZAÇÃO DE HÁBITOS E PATOLOGIZAÇÃO SOCIAL: O CONTROLE DOS CORPOS A PARTIR DA DIFUSÃO DE MANUAIS DE SAÚDE POPULAR 18

André Portela Do Amaral (PPGH UFSM)

CORPO, DISCURSO E PSICOSE: O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NO ANDARILHAR PELAS MARGENS DA LOUCURA NA CIDADE..... 19

Cristian Da Cruz Chiabotto

O NARIZ VERMELHO ROMPE O LACRE DA NEUTRALIDADE: O CLOWN COMO PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DO CORPO-TERAPEUTA 20

Camilla Baldicera Biazus (UFSM)

HOMO MACHINA: A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DO CORPO NA CIBERCULTURA 21

Denise Fontana (UFSM/FW)

EFEITOS DE SENTIDO NO CORPO-DISCURSO: UM GESTO DE LEITURA SOBRE A OBRA “LA BÊTE” 22

Renan Henrique Rodrigues (UFSM/FW)

ANÁLISE DA TATUAGEM COMO MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA CORPORAL 23

Raquel Martins Da Costa (UFSM/FW) Taiane Centenaro Borges (UFSM/FW)

O TEXTO-PARTITURA E O TEXTO - INTÉRPRETE: CORPOS ENUNCIATIVOS... 24

Antônio Boabaid (UDESC) Márcia Elisa Vanzin Boabaid (UFSM/FW)

A HIPERVISIBILIDADE DO CORPO-IMAGEM NO DISCURSO JORNALÍSTICO ... 25

Marluza Da Rosa (UFSM/FW)

NÓS-OUTROS: NOMEAÇÃO DOS SUJEITOS REFUGIADOS E ALIENAÇÃO 26

Giulia Mendes Gambassi (IEL/UNICAMP)

CORPOS QUE ATRAVESSAM FRONTEIRAS: A (RE)PRODUÇÃO DA IMAGEM DO CORPO MIGRANTE NA MÍDIA..... 27

Laura David Bucholz (UFSM/FW)

A POSIÇÃO-SUJEITO AGRICULTOR FAMILIAR: UM CORPO MUDIATIZADO PELA PROPAGANDA “AGRO, A INDÚSTRIA RIQUEZA DO BRASIL” 28

Alessandra Stefanello (UFSM)

CAROLINA MARIA DE JESUS: UM OLHAR DESDE A ANÁLISE DOS DISCURSOS DAS MÍDIAS..... 29

Camilla Machado Cruz (UFSM)

A (IN) VISIBILIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO DISCURSO PUBLICITÁRIO: ANÁLISE DISCURSIVA A PARTIR DO COMERCIAL “ALIADOS PELO RESPEITO” DO BRADESCO..... 30

Carla Beatriz De David Ernesto (UNIPAMPA)

RESSONÂNCIAS DO FEMINISMO NA NOVA VERSÃO DA CANÇÃO INFANTIL ARGENTINA “ARROZ CON LECHE”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA 31

Neosane Schelemmer (UFSM) Camilla Machado Cruz (UFSM/)

EU MORRO MAIS HOJE, ONTEM OU AMANHÃ? OS DADOS SOBRE FEMINICÍDIO NO RIO GRANDE DO SUL (RECORTE TEMPORAL 2012-2018)..... 32

Jennifer Souza Alvares (PPGL\UFSM) Larissa Montagner Cervo (UFSM)

Ocupando a Avenida Paulista: corpos que reclamam sentidos

Guilherme Ferragut¹ (UNICAMP)

Entre 2013 e 2016, o Brasil se viu numa onda de manifestações que ocuparam as ruas das cidades. Corpos que tomaram os espaços públicos de formas distintas, uniformizados ou não, enfrentando a polícia ou confraternizando com ela, impedidos ou estimulados pelo Estado. A Avenida Paulista, na capital do Estado de São Paulo, que em 2013 foi palco de violentas disputas entre manifestantes do MPL (Movimento Passe Livre) e a Polícia Militar, em 2016 viu manifestante vestidos com a camiseta da Seleção Brasileira de Futebol, muitos deles simpatizantes do MBL (Movimento Brasil Livre), tirando selfies com membros dessa mesma corporação. Nossa reflexão, ancorada na Análise de Discurso Francesa, que encontra em Michel Pêcheux seu fundador, discute as formas de ocupação da Avenida Paulista partindo do que Dias (2011) nos diz ao afirmar que a cidade se modifica em função do digital. Isso porque essas manifestações que tratamos no início desse texto tiveram ao menos uma característica em comum: foram convocadas pelas redes sociais. Para entender melhor esse processo que envolve sujeitos e o digital, retomaremos a noção de formação algorítmica, desenvolvida em nossa dissertação de mestrado, e a articularemos com outras noções da Análise de Discurso, buscando entender esse processo de ocupação do espaço urbano em sua relação com o digital e, mais especificamente, com os algoritmos que regem a circulação de informação na internet e, em especial, nas redes sociais. Sendo assim, esperamos encontrar uma melhor descrição do atravessamento das máquinas pelos sujeitos, cujos efeitos podem ser observados não apenas nas manifestações que são estudadas em nosso doutorado, mas também em outros acontecimentos. Paul Henry afirma que “fatos reclamam sentidos” (1994, p. 51). Para nós, seguindo o que Orlandi (2012) nos ensina, esses sentidos são produzidos em três momentos: constituição, formulação e circulação. É sobre este último, a circulação, que nos ateremos neste trabalho para discutir a produção de sentidos dos/nos corpos que ocuparam a Avenida Paulista.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Manifestações. Digital.

¹ Orientado pela Professora Doutora Cristiane Dias.

Discurso de divulgação científica-tecnológica da ginoide Sophia: algo(em)ritmo

Antônio Inácio dos Santos de Paula (UFSM-FW)²

Ancorado na Análise do Discurso de linha francesa e em teorias do Jornalismo Científico, analisa-se o discurso de divulgação científica-tecnológica a partir da entrevista produzida e transmitida pelo programa Fantástico, da Rede Globo, com a ginoide Sophia, em 21 de outubro de 2018. Enquanto discurso autorizado e mediador, essa produção jornalística foi assistida em uma revista eletrônica que, durante sua transmissão, assumiu a primeira colocação em audiência entre os programas de TVs Abertas, com vantagem de pelo menos o dobro em relação à segunda colocação. Considerada o robô mais inteligente do mundo, Sophia tem corpo, expressão facial e fala, fazendo com que se produzam sentidos. O imaginário se potencializa, principalmente, quando o enunciado do humanoide se insere na formação discursiva de divulgação científica-tecnológica. Sophia atrai atenção pela semelhança com o ser humano e é a primeira máquina a receber um título de cidadania. Assim propõe-se que sejam abordadas aqui as noções de sujeito de direito e sujeito de dados. Diante disso, identificam-se as possíveis marcas e propriedades discursivas na materialização textual do discurso por meio da narrativa jornalística, consideram-se as (des)aproximações homem e máquina pela indissociabilidade no sócio-histórico e reflete-se sobre os possíveis efeitos de sentido produzidos, que passam a circular na teia discursiva do discurso de divulgação científica-tecnológica.

Palavras-chave: Divulgação Científica-Tecnológica. Análise do Discurso. Ginoide Sophia.

² Orientadora, profa. Dra. Marluza da Rosa. Coordenadora do Projeto de Pesquisa DISPOLI – Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade. Fundo de Incentivo à Pesquisa – Fipe.

O corpo (do) político: efeitos de sentido entre sujeito e suporte

Alisson Gampert³ (UFSM-FW)

O discurso político, objeto privilegiado da Análise do discurso de linha francesa (AD) desde sua constituição, sofre, a partir da popularização da televisão, a insurreição do corpo (do) político, isto é, a irrupção, e seguinte centralidade, do corpo biopsíquico do político na política institucional midiaticizada. Esse funcionamento remete a um atravessamento do público pelo privado e pode viabilizar a psicologização da esfera pública que se caracteriza por um efeito de despolitização dos enunciados (COURTINE, 2006). Ainda, no contexto das discursividades da web, a (re)produção dos enunciados submete-se ao funcionamento de uma língua de vento da web que tende a escoar a espessura histórica e ideológica dos dizeres (SARGENTINI, 2017). Assim, para observar os efeitos de sentido que o corpo (do político na política) reproduz na história, em condições de produção contemporâneas às mídias digitais e, portanto, sob específicos regimes de dizer, fazer, ser, é caro voltar-se à imagem. O corpo (do político) (re)constitui-se na medida em que (re)produz sentidos pela retomada de já-ditos, pelo funcionamento da memória discursiva que possibilita e fundamenta todo dizer. Assim como com excertos verbais, a constituição de *corpora* imagéticos se dá na perspectiva de retomada de um já-visto, um já-lá, pré-existente, que viabiliza a interpretação daquilo que se vê, e a isso dá-se o nome de intericonicidade (COURTINE, 2018). Como aqueles sentidos que precedem e ecoam nas imagens, dotando-as de maior ou menor inteligibilidade, a intericonicidade supõe considerar toda a vasta gama de imagens às quais o sujeito pode estar exposto durante sua experiência visual no mundo material, sejam elas imagens vistas, imaginadas, esquecidas, rememoradas. Toma-se como *corpus* deste estudo uma colagem de imagens que circulou na internet de dois dos então presidenciáveis em 2018, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, fazendo um mesmo símbolo com a mão - polegar e indicador em riste, com ângulo de cerca de 90° entre eles, e demais dedos recolhidos junto à palma da mão - apenas em posições distintas, um indicando em frente e outro, com o punho dobrado, apontando para cima. Mas seria possível conceber que tais gestos significam da mesma forma, que remetem e retomam os mesmos sentidos já-lá? Como, então, pode-se diferenciar entre uma arma e uma letra? Que outras imagens ressurgem e (res)significam na circulação da colagem do *corpus*? A análise dos efeitos de sentido que emergem do/no *corpus* possibilitam observar que no/pelo corpo, enquanto suporte de materialização do discurso, opera-se um funcionamento que visa a estabilizar os sentidos na história, mas ao atravessar-se, aí, um outro funcionamento - dessa vez ligado ao *medium*, ao suporte - o da língua de vento da web e das mídias digitais, toda uma sorte de derivas viabiliza-se ao/no corpo, possibilitando a irrupção do novo, de uma nova disputa pelos sentidos.

Palavras-chave: Discurso político. Corpo. Intericonicidade.

³ Orientado por Prof.^a Dr.^a Marluza da Rosa. Bolsista PIBIC/CNPq vinculado ao projeto de pesquisa DISPOLI - Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade.

Os corpos midiaticizados nas eleições de 2018 em plataforma móvel: análise discursiva das fotografias nos jornais latino-americanos

Éverton de Oliveira Cabral (UFSM-FW)

Bruno José Fiorini (UFSM-FW)

Larissa Bortoluzzi (PUC-RS)

Este trabalho tem como objetivo entender de que maneira os discursos imagéticos das fotografias postadas nos períodos das eleições presidenciais de 2018, nos jornais de referência no Brasil e na Colômbia, na plataforma *instagram*, corroboram com a estética do fotojornalismo. Nesse cenário midiaticizado, as imagens entendidas como “corpus” nas mídias sociais digitais refletem a expansão e as potencialidades estéticas no jornalismo ubíquo. Além disso essas imagens trazem uma numerosa quantidade de fotografias que potencializa a prática do fotojornalismo contemporâneo. Para tanto, entendemos que os recentes modelos da produção de imagem trazem consigo a democratização da fotografia onde não só as elites têm acesso, mas qualquer cidadão. A pluralização da fotografia dos jornais, vem em paralelo ao compartilhamento das imagens e conteúdos pelos usuários das redes sociais. Acerca dos discursos visuais, observamos que são semelhantes há formação de uma esfera fotográfica na plataforma *instagram*, às quais estão “desprendidas de significados” (SILVA, JR. 2012). O percurso dessa pesquisa traz a metodologia da análise discursiva de imagem e contempla: a) Leitura; b) Interpretação e, c) Conclusão. Nessa etapa, pretende-se identificar os componentes estéticos do Fotojornalismo (SOUSA, 2002): enquadramentos, e a conotação fotográfica barthesiana. Relacionando-os com os preceitos que definem a fotografia na web (SALLET, 2015) e ainda, com os preceitos do Jornalismo ubíquo (SILVEIRA, 2017). Os resultados parciais, identificam traços expressivos da estética do fotojornalismo, observando ainda, que há uma necessidade de controle sobre a fotografia pública, principalmente quando esses corpos fotografados estão alocados sob o olhar o outro inserido no enquadramento midiático. Percebemos também, que esses corpos midiaticizados são bens simbólicos por serem formados por imaginários distintos.

Palavras chaves: Fotojornalismo. Plataforma Móvel. Discursos Imagéticos.

O corpo (do) jornalista no ecossistema de mídia social: produção de identidade do jornalista no *Stories* do @Estadão no *Instagram*

Éverton de Oliveira Cabral (UFSM-FW)

Bruno José Fiorini (UFSM-FW)

Luciana Menezes Carvalho (UFSM-FW)

Assim como aponta Saad Corrêa (2016), estar presente nos ambientes digitais se tornou um mantra na contemporaneidade. Em direção a esse apontamento, Karhawi (2015) elucida que quem não está presente, criando e compartilhando conteúdo não existirá nos ambientes digitais. As noções de ecossistema midiático vêm das autoras Carvalho e Barichello (2017, p. 772) quando explicam que “as tecnologias só adquirem o caráter de meios/ambiências a partir das associações entre suas potencialidades e os usos dados pelos usuários em determinados contextos”. Entendemos o conceito de persona a partir de Tavares (2010) quando explica usando a metáfora no teatro, onde os atores utilizam várias máscaras e em cada uma dela eles podem criar uma personalidade diferente. Gregolin (2007) explica que os estudos de Análise do Discurso (AD), no Brasil, interessam-se cada vez mais nos estudos em mídia. Segundo a autora, a articulação entre a AD e a mídia enriquecem os dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto a produção sociais de sentidos. No cenário dos corpos midiáticos, Bourdieu (1988) aponta que a objetivação dos corpos tem formas e estruturas e suas conformações visíveis tem mil maneiras de se tratar o corpo, de como cuidá-lo, nutri-lo e mantê-lo. Neste trabalho, buscamos compreender a partir da AD na mídia como acontece a construção discursiva da persona do jornalista no *Stories* do @Estadão no *Instagram*. Como objetivos específicos vamos apontar como os jornalistas do Drops se constroem enquanto personas midiáticas; e analisar como a gramática do *Stories* altera as formas do jornalista se apresentar no ecossistema midiático. Entendemos como hipótese deste trabalho que a gramática do *Stories* facilitou a exibição de uma nova identificação da persona jornalista, que está na fronteira do entretenimento com a credibilidade do jornalismo o: Jornalista 2.0, que com suas narrativas adaptadas a gramática do *Stories*, consegue a visibilidade da sua persona no ecossistema de mídias sociais. Ainda como hipótese, entendesse que a adaptação feita na forma de entregar o conteúdo jornalístico (CARVALHO, 2015) está vista nos produtos feitos para o *Stories*, no qual tem sua narrativa voltada para o entretenimento e mesmo assim continua a passar informação aos seus espectadores.

Palavras chaves: Gramática do *Stories*. *Stories*. Jornalista 2.0.

Sobreviventes do Holocausto: o corpo errante como lugar de paragem do sujeito velho/idoso

Elivélton Assis Krümmel (UFSM)⁴

Marilda Aparecida Lachovski (UFSM)⁵

A partir das relações entre as pesquisas já empreendidas, em nossos trabalhos, trazemos à baila uma reflexão concentrada em alguns dos testemunhos, contidos no documentário “Sobreviventes do Holocausto” (“Survivors of the Holocaust”), produzido por Steve Spielberg, nos Estados Unidos, em 1996, como resultado de uma gama de testemunhos ouvidos durante a filmagem sobre “A lista de Schindler”. Para tanto, recuperamos o que é da ordem da história e da memória, em seus embates e tensões, pois são elas que corroboram para a autenticidade dos testemunhos reunidos no documentário. Assim, a visibilidade, o espaço e a possibilidade de escuta do que o sujeito velho/idoso narra e que faz emergir uma memória sobre o Holocausto e, ainda, uma versão da história – da história sobre o acontecimento – impulsionam nosso objetivo que é observar e discutir os modos pelos quais esse corpo do sujeito velho/idoso, nos campos de concentração, torna-se errante, deslocado, posto à margem e à deriva, considerados os processos de significação que se dão, sobretudo, na e pela língua, porque o corpo também significa discursivamente. Em outras palavras, os sentidos não estão colados às palavras. São construídos, também, no e pelo corpo. Se para Pêcheux (2012) a normatização de um mundo logicamente estabilizado começa na relação do sujeito com seu próprio corpo e com aquilo que o cerca, a partir do testemunho do sujeito velho/idoso podemos estabelecer um gesto de interpretação (ORLANDI, 1996), concentrados em como os sentidos que o situam implicam na constante deriva e porque é instituída, com base em ambas as posições: a de dominador e a de dominado. Nesse sentido, o corpo, na perspectiva que assumimos é um “corpo falado pelas palavras, pela língua”. (FERREIRA, 2013, p. 100), ou seja, é parte da materialidade que constitui o sujeito na sua relação com a linguagem, com os sentidos, no tempo e no espaço que o situa e também o condena a (re)significar. Sobre as intersecções entre o presente, o passado e o futuro, que projetam significâncias no/pelo corpo desse sujeito, porque quando são dispensadas ou, ainda, silenciadas as palavras, o corpo segue reverberando e ecoando sentidos, porque não pode ser calado. A condição de testemunha, assim, implica nesse significar constante, como ato de resistência, pois permanecer vivo é resistir. E, palavra e corpo conjugam-se. Seguem, assim, conduzindo o corpo do sujeito velho/idoso, na condição de testemunha, por um lugar de paragem que, inevitavelmente, desestagna. Possibilita a discursivização na/pela língua e no/pelo corpo.

Palavras-chave: Corpo. Língua. Memória.

⁴ Doutorando no Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES.

⁵ Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

A fotografia do corpo indígena: o discurso sobre o outro como objeto de arte ou processo de documentação?

Bruna Cielo Cabrera⁶ (UFMS)

Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro que figura entre os aclamados olhares por trás das lentes mundiais, apresenta um portfólio com dezenas de trabalhos que o colocam em um patamar de fotojornalista de imersão. Atualmente, seu interesse artístico encontra-se sobre os povos indígenas habitantes da floresta amazônica, em especial as comunidades que têm pouco ou quase nenhum contato com o homem branco, com um projeto que contará com exposições a partir de 2021. O presente trabalho tem como foco compreender o que se produz discursivamente acerca do trabalho de Sebastião Salgado: o sujeito indígena está posto como obra de arte ou estabelece-se aí um processo de documentação de uma memória que parte da fotografia de seu corpo? Partindo de um gesto de leitura embasado teoricamente pela Análise de Discurso de matriz francesa trabalhada no Brasil, propomos uma discussão que oscila entre uma questão midiática (como essas materialidades circulam e por que circulam dessa maneira e não de outra?) e uma questão arquivística (de que forma essas materialidades estão organizadas e como elas se apresentam elencadas?). Uma vez que em diversas de suas “expedições” o fotógrafo é acompanhado pela equipe do jornal *Folha de São Paulo*, contaremos com duas matérias do periódico paulista para compor o *corpus* deste trabalho (as edições⁷ de 17 de dezembro de 2017 e de 20 de maio de 2018). Tomamos em consideração para análise tanto a materialidade fotográfica presente nas reportagens quanto a materialidade linguística exposta nesse *corpus* sobre o trabalho de Salgado. Ao longo de nossa investigação, entendemos que em ambas as hipóteses levantadas (seja um viés artístico seja documental) é possível identificar a existência de um movimento de construção de arquivo, de acervo, de catalogação, apresentando uma identificação dualitária. Isso se dá, pois, o processo discursivo observado em funcionamento na obra de Salgado e exposto pela *Folha* ao mesmo tempo em que se propõe a documentar, recolhe e acumula um acervo que se pretende comercializar sobre a prerrogativa da arte.

Palavras-chave: Povos indígenas brasileiros. Fotografia. Análise de discurso.

⁶ Orientadora: Amanda Eloina Scherer (UFMS-PPGL). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁷ Disponíveis em: <<http://folha.com/sebastiao>>. Acesso em: abr. 2019.

A insurgência de um “Corpo Estranho”

Pâmela Francelino⁸ (UFSM/FW)

Ao pensar em Corpo, há diferentes vertentes sobre as quais podemos nos ater. Há o corpo biológico, do qual se ocupam os estudos da medicina, que é o conjunto de elementos físicos que compõem um organismo. O corpo, na psicanálise, constitui-se no invólucro da linguagem, concomitante à constituição do sujeito em sua relação com o Outro. O sujeito em questão é falante e faltante, pois é constituído em uma rede de significantes e a partir da falta. Isso porque, nos momentos que o bebê demanda cuidado, como quando chora de fome, prontamente a mãe lhe tira o mal-estar ao oferecer o seio, além de proporcionar a sensação de prazer ao sujeito em constituição. Quando as demandas não são prontamente atendidas, a criança é marcada pela falta e há busca por algum outro objeto que lhe satisfaça. Ademais, é a função materna que significa o corpo para a criança, ao tocar e nomear as partes que o compõem. A partir das noções de sujeito e corpo em psicanálise, buscamos compreender o corpo discursivo, isto é, o corpo como materialidade do discurso, no qual se inscrevem os aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos. No presente trabalho, objetivamos propor reflexões sobre a relação sujeito e corpo. Para tal, analisamos um texto de Matheus Passareli Simões Vieira, jovem de 21 anos, negro, não-binário, também conhecido como Matheusa ou Theusinha, que foi assassinado após ser submetido ao julgamento do tráfico, no Morro do 18, em Água Santa, Zona Norte do Rio de Janeiro. Buscamos compreender como Matheusa é representada por/em sua obra. Delimita-se o texto “Corpo Estranho”, publicado no site do Observatório de Sexualidade e Política, em 8 de maio de 2018, como objeto de análise. Realiza-se o processo analítico do objeto a partir dos preceitos dos estudos da psicanálise e do discurso, mobilizando conceitos como corpo, sujeito, discurso e estranho. Com a análise, indaga-se como aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos repercutem na relação sujeito e corpo, o que possibilita a Matheusa aperceber-se enquanto “Corpo Estranho”.

Palavras-chave: Corpo. Discurso. Sujeito.

⁸ Graduanda do 5º semestre de Relações Públicas, no Campus da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen. Integrante do grupo de pesquisa “DISPOLI - Discurso, Poder e Políticas da (In)Visibilidade”. E-mail: pamela.francelino@outlook.com.

Trabalho orientado por Marluza T. da Rosa, Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora do projeto de pesquisa “DISPOLI - Discurso, Poder e Políticas da (In)Visibilidade”, fomentado pelo CNPq. E-mail: marluza.rosa@gmail.com

Um olhar sobre o corpo enquanto objeto discursivo

Andressa Fernandes (UFSM)⁹

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão a respeito do corpo enquanto objeto discursivo e relacionado com questão da resistência. Para isso, elegemos como objeto de análise o documentário *O Cárcere e a Rua* (2004), de Liliana Sulzbach, que apresenta discursos de sujeitos que estão em um Aparelho Repressivo de Estado (ARE) (ALTHUSSER, s. d.), Albergue Feminino (SUSEPE), na condição de regime semiaberto, entre o preso e o livre, em um (in)constante ir e vir do cárcere à rua. Fundamentados na Análise de Discurso de linha francesa e continuidade brasileira, debruçamo-nos, então, sobre esse documentário, refletindo sobre os processos de subjetivação desses sujeitos, que, situados em um ARE, responsável por regular os sujeitos e por transformar os indivíduos em sujeitos no processo de interpelação ideológica, mostram-se resistência pelo/via corpo. Cabe dizer que, para nós, o corpo não é tomado por um viés biológico, mas simbólico-político, investido de sentidos na formação social (ORLANDI, 2017). E “mais do que objeto teórico, [ele] comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade” (FERREIRA, 2013, p. 105), suas práticas de resistência à ideologia dominante que o interpela sem cessar. Em suma, por essa entrada, apoiados em uma perspectiva discursiva, propomos esta reflexão.

Palavras-chave: Documentários. Discurso. Corpo. Resistência.

⁹ Discente do PPG Letras – UFSM. Bolsista CAPES. Orientanda da Professora Dr. Amanda Scherer.

Publicização da dor: o corpo cortado em cena (encena)

Aline Bedin Jordão¹⁰ (UFSM)

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, e tem como objetivo analisar a publicização dos cortes corporais no espaço digital, tomando tais discursos enquanto uma escritura de si, um gesto de resistência do sujeito e uma denúncia frente aos imperativos culturais/sociais que produzem regulações subjetivas. Nossa metodologia de análise segue os pressupostos da Análise de Discurso, a partir das formulações de Pêcheux e Orlandi. Concebemos o corpo como materialidade discursiva, que leva em conta as condições de produção dos processos discursivos e a relação dos efeitos de sentido materializados/textualizados/corpografados (DIAS, 2016) no corpo, atrelado a determinadas posições-sujeito, que sustentam filiações a redes de memória e formações discursivas. Propomos uma análise de postagens de cortes auto-produzidos, que selecionamos de alguns blogs e páginas do Facebook. As primeiras análises apontam que a necessidade de publicização dos cortes no espaço virtual encena e coloca em cena o real do corpo, trazendo à baila escritas, cicatrizes e letras que remetem ao feminino e às dores do sujeito, que historicamente têm um lugar silenciado e marginalizado. Destaca-se o corpo em seu caráter político, na medida em que se trata de uma materialidade que expõe as contradições e as negociações de sentidos que se produzem no e pelo discurso, ressignificando a lógica que circula na cultura hoje: o imperativo e uniformização do gozo (MELMAN, 2008), as imposições de ideais, a sociedade do narcisismo, do espetáculo, do corpo-objeto a ser consumido e dos paradoxos envolvidos na construção da feminilidade. Produz-se, nessas postagens, um discurso de resistência: ao capitalismo, à lógica homogeneizadora e da completude - refletindo a própria interpelação-identificação do sujeito a esses processos sociais atuais. O espaço digital traz consigo um estatuto de “presença” contraditório. Há um excesso de presença, de imagens, uma “verborragia” de depoimentos, comentários, curtidas, compartilhamentos, números, cifras. Uma primazia do numérico, do imaginário, que deixa na sombra a dimensão simbólica e real. A publicização da dor diz de um corpo que se esconde, produz cortes e que se expõe na rede virtual discursivizando os seus excessos: cortes que não são somente no/do corpo, mas também corte da letra, da palavra, da imagem. Um corpo que se mostra aberto, sangra, produz um certo esgotamento de seus orifícios, faz a mostra da dor, do gozo aterrorizante (LACAN, 1966). Uma voz sem nome, cortes que clamam pela vida, um apelo via fio da lâmina que busca promover algum deslocamento possível do sujeito atormentado pela dor. Uma tentativa de inscrição discursiva do sujeito, do estabelecimento de uma borda, uma fronteira, uma separação, uma nova tessitura do corpo, em que os deslizamentos de sentidos e reedições de memórias se façam possíveis. Resistir. Existir. Compreendemos que as metáforas e metonímias discursivizadas via corpo (LAGAZZI, 2017), a partir do que se dá ou não a ver, das partes cortadas/mutiladas, que produzem deslizamentos sangrentos nas entranhas do sujeito, requerem costuras, clamam por palavras e demandam avanços na leitura a partir da Análise de Discurso.

Palavras-chave: Corpo. Discurso. Auto-mutilação.

¹⁰ Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo PPGL/UFSM, linha de pesquisa: “Língua, sujeito e história”, orientanda da Prof. Dra. Verli Petri.

Corpo com deficiência: o funcionamento da noção “sujeito-corpo” no Estatuto da Pessoa com Deficiência

Andressa Marchesan (UFSM)¹¹

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre o corpo com deficiência, a partir do *Estatuto da Pessoa com Deficiência*. Investigaremos os modos de designar ou não-designar o sujeito e o corpo com deficiência. Para tal, procuramos mobilizar a justaposição das noções de sujeito e de corpo em: “sujeito-corpo”, justapondo um ao outro, aproximando um do outro. Com isso, buscamos suprimir o desvão que existe entre um e outro. Essa noção marca linguisticamente a presença do sujeito e do corpo quando pensamos na pessoa com deficiência, em relação com a sua história, com determinadas condições de produção e considerando a especificidade do Estatuto. O sujeito textualiza seu corpo pela maneira como está nele significado e se desloca na sociedade e na história, e o corpo – no caso estudado, com marcas mais visíveis ou menos visíveis – textualiza os processos de significação do sujeito. Sujeito e corpo constituem os processos de significação da pessoa com deficiência; portanto, não podemos pensar um sem o outro. Refletiremos sobre o corpo com deficiência, porque já realizamos um estudo sobre isso em nossa dissertação de mestrado que concluímos no início de 2019 e, porque, a história acadêmica está vinculada à história de vida da pesquisadora, ela tem deficiência, já vivenciou experiências em relação a essa questão, e isso teve significação ao longo de um estudo discursivo sobre o corpo, o sujeito, a deficiência. Na dissertação, realizamos uma análise discursiva do Estatuto da Pessoa com Deficiência e de textos sobre este documento, investigando os modos de designar e de não-designar o sujeito e o corpo. É a Análise de Discurso pecheutiana que dá sustentação teórico-metodológica para este trabalho. Os resultados demonstram que a designação mais empregada foi pessoa com deficiência. Tal construção fez com que refletíssemos sobre a palavra pessoa e observamos que esta remete a indivíduo, indivíduo remete a interpelação ideológica do indivíduo em sujeito. Mas será que esse indivíduo com deficiência presente no Estatuto, também é interpelado pela ideologia? Em nossa interpretação, há uma negação ao direito de interpelação ideológica, pois o efeito que se produz é de que o indivíduo não é interpelado pela ideologia em sujeito, pois esse indivíduo parece não estar inscrito na sociedade, não estar dentro; ao contrário, parece estar fora dessa sociedade que leva em consideração a aparência, a perfeição, em detrimento da norma diferente. Em relação aos modos de designar o corpo, suas partes, há um silenciamento, pois, na maioria das vezes, houve uma menção implícita ao corpo. Arriscamos expor uma indagação pertinente, referente ao corpo: como tratar desse corpo que se apresenta deficiente? Como explicitar o corpo diferente em um mundo que se realiza nas tentativas de alcançar a beleza e a perfeição física? Essas questões continuarão a nos instigar em outras pesquisas, sem que se construa uma resposta única e completa.

Palavras-chave: Corpo com deficiência. Estatuto da Pessoa com Deficiência. “Sujeito-corpo”.

¹¹ Orientadora da dissertação que é referência para este trabalho: Prof^{ra}. Dr^a. Verli Petri. Orientadora atual: Prof^{ra}. Dr^a. Eliana Rosa Sturza. Em meu projeto atual, a tese, investigarei como a designação relativa à pessoa com deficiência foi sendo modificada ao longo da história, observando os movimentos de sentidos e de designações.

Criminalização de hábitos e patologização social: o controle dos corpos a partir da difusão de manuais de saúde popular

André Portela do Amaral¹² (UFSM)

Em fins do século XIX – levando em conta um contexto político-social de disputas, especialmente marcado pelo rápido crescimento populacional no espaço urbano – a proliferação de ideais de “modernidade”, voltados para um “projeto de nação”, vai se conectar com a circulação de uma literatura médica de caráter dito “científico” no país. Tais textos terão como parte do conteúdo a questão da percepção da doença, em uma íntima ligação com os hábitos do cotidiano. Manuais “populares”, como as obras de Chernoviz, Humphreys e Souza Soares, apresentam de modo comum, um discurso de cunho higienista, desenvolvendo um conjunto de regramentos de hábitos, com a recriminação de “práticas inadequadas” (essas notadamente relacionadas com o cotidiano de grupos marginalizados). A vinculação entre determinadas práticas populares e o surgimento de doenças dá espaço para a estruturação de códigos de conduta, que podem ser qualificados como quadros de disciplinarização e segregação. A construção de uma ponte entre as ações individuais e os reflexos no coletivo alicerça a concepção de “Saúde Pública”, algo que serve ao discurso de legitimação de ações de adestramento e criminalização dos corpos, postas em prática por meio de políticas sanitárias, aplicadas pelo Estado nos centros urbanos. A análise da produção e difusão desse tipo de literatura no período estudado converge com o entendimento da função da imprensa e das instituições de ensino como aliadas na configuração de uma dinâmica de adoção de políticas públicas pensadas no controle das massas. Não podendo ser desconsiderado, entretanto, o potencial de reação e de apropriação/reconfiguração dos conteúdos em novos formatos de práticas de cura.

Palavras-chave: Saúde. Doença. Regramentos.

¹² Mestrando em História – PPGH UFSM

Corpo, discurso e psicose: o acompanhamento terapêutico no andarilhar pelas margens da loucura na cidade

Cristian Da Cruz Chiabotto (URI – Santiago)¹³

Psicose é um conceito psicanalítico para tentar investigar a loucura e seus desdobramentos. A loucura é um processo discursivo e social, onde o sujeito cria realidades que não a factual, para suportar suas dores e arranjos históricos da vida, que muitas vezes se deram de forma trágica. Essas realidades nada convencionais fizeram do louco historicamente objeto de estudo das ciências naturais e biomédicas, tornando a loucura um processo que escapa da normatização imposta pelo Estado, e que deve ser contida (o advento da psiquiatria e ciências psi), como forma de disciplinar corpos e tecer uma rede de poder através dos saberes médicos e naturais. Foucault (2010) utiliza o conceito de biopoder, para investigar de que forma as ciências naturais se apoderaram dos corpos para normatizá-los, como um dispositivo do racismo de Estado, que perpetua modos de viver e modos de subjetivação que são normais e anormais, colocando à margem os sujeitos que não se adequam à esses códigos de poder-saber disciplinares. A loucura é um desses transbordamentos, ela não cabe na norma identitária da normalidade, e foi historicamente jogada nos manicômios para que se pudesse controlar esses corpos delirantes, tornando então o corpo do psicótico, um corpo à margem. Mas, que corpo é esse? É um corpo que grita, um corpo extravagante aos olhos de quem vê com a lente da normalidade, é um corpo que transborda afetos e é um corpo que soa perigoso demais para circular no espaço urbano. Porém, este é também um corpo que pode circular pelos espaços urbanos, ou melhor, este é um corpo que pode circular pelo espaço que pretender, já que a cidade é tida como possibilidade de vida para usuários em psicose (Palombini, 2017). O Acompanhamento Terapêutico (A.T), dispositivo de cuidado em saúde mental é uma das mais promissoras Políticas Públicas de Saúde Mental e Direitos Humanos, neste sentido, o A.T seria parte do tratamento do sujeito em psicose, já que não fixa pontos que organizem o sujeito, mas abre possibilidades produtoras de saúde, pontos onde o sujeito pode se articular de maneira singular com o tecido social e andarilhar pelas ruas com seu corpo à margem, o corpo que é louco. A este ato de andar, de ir e vir conversando, de passear, de encontros com a cidade, Lancetti (2006) nomeou de Clínica Peripatética, inspirado na forma como Aristóteles acompanhava os seus discípulos, andarilhando pelos jardins de Apolo, no Liceu. Quando colocamos a cidade como setting terapêutico, tomamos o imprevisível como uma possibilidade. E o imprevisível, por sua vez, é incontrollável. Mas o que seria do andar pela cidade sem os movimentos do acaso? Seria então, graças ao acaso, a oportunidade de trabalhar terapêuticamente com o sujeito em psicose transformações e agenciamentos da sua própria história de vida e deste corpo da loucura, que resiste na medida em que circula, potencializa novos discursos no encontro entre sociedade normativa e o transbordamento de afetos da loucura, colocando em pauta este corpo à margem, o corpo para além dos muros dos manicômios.

Palavras-chave: Corpo. Discurso. Loucura.

¹³ Acadêmico da Graduação em Psicologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Santiago. Trabalho orientado pela Professora M^a Fernanda Bellé Barichello.

O nariz vermelho rompe o lacre da neutralidade: O clown como processo de desconstrução do corpo-terapeuta

Camilla Baldicera Biazus (UFSM)¹⁴

Freud, em 1912, escreve um artigo intitulado “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, no qual apresenta cinco regras básicas àqueles que desejassem fazer psicanálise. Seriam elas: amor às verdades, abstinência, neutralidade, associação livre e atenção flutuante. No que diz respeito a essas regras destaca-se aqui uma: a neutralidade. A “essência” da regra da neutralidade aparece na metáfora criada por Freud do terapeuta enquanto espelho, onde ele afirma que o psicanalista deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não lhes mostrar nada, exceto o que lhe for mostrado. A metáfora criada por Freud para pensar o lugar do psicanalista no âmbito do fazer clínico, bem como as regras para o exercício da psicanálise, tornaram o corpo-terapeuta uma ameaça constante dentro do setting analítico. O corpo-terapeuta aprendeu a vestir-se da teoria e da técnica para esconder a sua pele, aquilo que evidencia a sua singularidade, a sua história, a exterioridade que também lhe constitui. É nesse contexto que convocamos o corpo e a linguagem do clown (palhaço) para produzir reflexões que baguncem o corpo-terapeuta a fim de despí-lo das significâncias teóricas tóxicas criando um lugar onde seja possível experimentar o corpo reiventando para si suas próprias referências linguísticas, uma linguagem para a vida-clínica, rompendo o lacre da neutralidade e da unilateralidade do viver e do clínicar. Acreditamos que a clínica psicanalítica não cabe em um só campo disciplinar, ela precisa transbordar. Dessa forma, o objetivo desta proposta teórica/exploratória é borrar as fronteiras disciplinares, buscando provocar o corpo-terapeuta a partir do corpo-palhaço, através das noções teóricas de ideologia, resistência e corpo, presentes no campo da Análise de Discurso. O corpo parece ser justamente aquilo que escapa do controle teórico, comprovando a falha no ritual, na plenitude/pureza teórica e por esse motivo, assusta tanto o terapeuta dentro da sua prática clínica. O medo de falhar é grande frente à onipotência teórica, contudo é justamente essa falha – que se manifesta no próprio sujeito – que revela traços desse inconsciente que não são apagados e que atuam no sujeito fragmentado que vivencia na língua a impossibilidade de se tornar completo (BIAZUS, 2015). É pela busca incessante do sujeito em sustentar e manter as “verdades” psicanalíticas, que decorre a infinita repetição de falhas, e são essas falhas as responsáveis, segundo Pêcheux ([1975] 2009), pelo deslizamento de sentidos, pelo acesso ao campo da polissemia, que revelam ao sujeito o seu caráter fragmentado, causado pela interpelação ideológica e pelo atravessamento do inconsciente. Pois é justamente nesse terreno da falha e da polissemia que o corpo-palhaço parece se sentir a vontade, desestabilizando sentidos já-dados, transgredindo o esquema lógico linear, agindo através de uma lógica do avesso, a partir do riso e do improvisado (DORNELES, 2003). Assim, quando pensamos a cena analítica e os corpos que ali se encontram, pelo viés da discursividade e da linguagem artística do clown, parece que estamos diante de um jogo provocado pelo desconforto de uma incompletude velada, que é, ao mesmo tempo, presente e ausente, gritante e silenciosa, inteira e fragmentada.

Palavras-chave: Corpo. Clown. Análise de Discurso

¹⁴ Psicóloga, Doutora em Letras, Professora do Curso de Psicologia da Uri Santiago e, atualmente, Pós-doutoranda em Psicologia na UFSM (PNPD/CAPES)

Homo Machina: a representação artística do corpo na cibercultura

Denise Fontana¹⁵(UFSM/FW)

A forma como entendemos e nos relacionamos com o corpo humano sofre interferências de diferentes meios. Cada vez mais a relação entre homem e máquina altera o nosso entendimento sobre o que é um corpo ideal e quais as funções que ele pode e deve exercer. O que antes parecia história de ficção científica, vem se tornando realidade por causa da inserção da tecnologia no nosso modo de vida. A partir dessa percepção, o artista plástico Paulo Favalli apresenta, em sua exposição *Homo Machina*, esculturas de órgãos e membros humanos compostos por elementos não naturais, como câmera fotográfica no lugar de um olho, amortecedores como joelhos, entre outras relações que nos mostram de que forma o corpo humano pode ser atravessado pela tecnologia. Cirurgião plástico, Favalli, como artista, traz para sua obra seu conhecimento em anatomia. O grupo de esculturas nos apresenta ciborgues, seres com corpos melhorados a partir de tecnologias. Dentro de sua criação o artista apresenta músculos e tendões com reforços mecânicos, mostrando ao público uma possibilidade plástica e artística sobre a questão humano-tecnológico, mas não foge de questões éticas que essa relação levanta. Dessa forma, a arte nos pergunta, nos fazendo refletir sobre como aquilo que criamos tem influência em nosso corpo. Tanto os malefícios quanto os benefícios dessa relação podem ser percebidos, pois ao mesmo tempo em que ela permite um avanço, também nos torna dependentes. A obra de Favalli cumpre seu papel artístico ao representar um aspecto da realidade humana, trazendo um questionamento sobre como o corpo interage com a máquina. A arte cria ou reproduz a realidade? Ela se insere no mundo como discurso, mas qual é a sua contribuição para a transformação social? A hipótese de que o artista é aquele que compreende as mudanças que a tecnologia traz, mesmo sem perceber, e cria sua obra a partir disso, é a motivação inicial para a análise. A arte serve, nesse caso, como aquilo que denuncia a mudança. No caso da exposição de Favalli, o corpo, a tecnologia e a interação entre os dois são a inspiração. As esculturas nos mostram que o corpo que cria a máquina é modificado por ela, construindo um novo corpo. Desse modo o artista interpreta a realidade para construir sua obra. Este estudo busca em Dias (2018) e Ferreira (2013) a aproximação entre arte, corpo e Análise do Discurso. A partir da leitura de Lemos (2013) e Lévy (1996), explora-se o conceito de Cibercultura, para entender mais sobre a relação entre homem, corpo, tecnologia e cultura, já Tomaz Tadeu Silva (2009) contribui para a pesquisa através do entendimento sobre antropologia do ciborgue. Em vista do que foi exposto, a análise da exposição de arte *Homo Machina* tem como objetivo identificar de que forma a relação entre homem e tecnologia pode influenciar o modo como entendemos o corpo humano.

Palavras-Chave: Homem Máquina. Cibercultura. Análise do Discurso

¹⁵Estudante de graduação do curso de Jornalismo - Bacharelado pela UFSM/FW e participante do projeto de pesquisa Discurso, Poder e Políticas da (in)visibilidade.

Pesquisa orientada pela professora Dra. Marluza Terezinha da Rosa, Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM Campus Frederico Westphalen.

Efeitos de sentido no corpo-discurso: um gesto de leitura sobre a obra “La Bête”

Renan Henrique Rodrigues (UFSM/FW) ¹⁶

Na representação do artista Wagner Schwartz, em uma releitura da obra “Os Bichos” de Lygia Clark, o corpo nu do performista deixa de ser apenas dele para se transformar em argila poética de todo o público presente na estreia do 35º Panorama de arte Brasileira, realizado no Museu de Artes Modernas (MAM), em São Paulo. O corpo, massa rígida, mas não imutável, transforma-se, em determinados momentos, num eco da linguagem, um curso começado no pensamento, em palavras (ideias), e terminado em gestos, reajustes corporais. A obra tem como grande provocador o fato de o pensamento não ser traduzido diretamente em gestos, mas no corpo do artista moldar-se a fim de satisfazer vontades do público. O artista, ator, deixa de ser individual nos movimentos de significação do discurso, para tornar-se instrumento do público ativo, cocriadores dos textos significativos. A produção de sentidos por parte do interlocutor é uma das consequências da interferência do mesmo na composição da obra “La Bête”. Para Pêcheux (1995), o sentido de um discurso não existe ‘em si mesmo’, ou seja, preso ao significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual o discurso é produzido ou reproduzido. Para o entendimento almejado neste trabalho, será estudado num primeiro momento a conceituação de análise do discurso, tomando como referências Orlandi, Pêcheux e Foucault, observando esse curso e percurso da produção de sentido, como um processo significativo sócio-histórico, dependente de diferentes atores para ser formado. Em um segundo momento, será tratado o corpo como materialidade do discurso, para, com isso, descrever o corpo como significante, assim sendo, serão utilizados autores relacionados à área das artes, como Renato Cohen e da psicanálise, como *Paul Schilder*, no sentido de corpo artístico, e da semiótica, no quesito corpo como linguagem que usa de movimentos representativos tais quais signos. Finalmente, no terceiro momento, será abordada a obra “La Bête”, sua história e condições de produção, ademais, sua autoria e inspiração, além dos motivos que podem ter causado a aprovação ou a rejeição, bem como seus sentidos potenciais, múltiplos. A análise incidirá sobre esses sentidos, vistos como efeitos, da obra em questão, relacionada à sociedade e à cultura; a imagem como representatividade, um movimento de resistência.

Palavras-Chave: Corpo. Sujeito. Discurso.

¹⁶ Orientadora: Marluza T. da Rosa

Análise da tatuagem como manifestação artística corporal

Raquel Martins Da Costa (UFSM/FW)

Taiane Centenaro Borges (UFSM/FW)

Desde os primórdios a arte e seus efeitos de sentidos vem sendo construídos, assim tornando indiscutível que há inúmeras formas dela se fazer presente, seja por meio de pinturas, músicas, textos e poesias. Porém, cada vez mais o indivíduo se apropria dela para se destacar e se diferenciar do outro, sendo a prática da tatuagem cada vez mais utilizada para se conseguir essa diferenciação. Sendo assim, este artigo tem como objetivo realizar uma análise sobre o sentido da tatuagem na construção identitária. Apresentando as tatuagens como uma manifestação artística corporal, mais especificamente, sobre como elas constroem o sujeito e como são, por eles, identificadas. Assim, o trabalho de pesquisa visa mostrar, por meio da análise de entrevistas escritas, nas quais os participantes explicaram os motivos que os levaram a esta modificação corporal, seja pelo caráter estético seja simbólico e o modo que estas marcas constroem a subjetividade de cada um, apontando para suas representações e construções identitárias. É possível concluir que a tatuagem está intrinsecamente relacionada à construção identitária de cada indivíduo e sua subjetividade, na qual, a busca para mostrar a terceiros sua identidade própria é algo que a grande maioria idealiza. Por fim, este trabalho é um passo inicial para uma análise acerca da significação desta modificação corporal. No entanto, apesar de nossa análise, é necessário que haja mais estudos relacionados ao tema, pois cada indivíduo atribui um significado diferente em uma única tatuagem, seja pela sua construção identitária, lugar que a modificação ocupa no corpo seja pelas questões culturais.

Palavras-Chave: Tatuagem. Construção identitária. Subjetividade.

O texto-partitura e o texto - intérprete: corpos enunciativos

Antônio Boabaid (UDESC)¹⁷

Márcia Elisa Vanzin Boabaid (UFSM/FW)¹⁸

O presente estudo, ancorado na análise dos textos de Émile Benveniste e Roland Barthes, objetiva analisar o processo enunciativo do texto-partitura e do texto-intérprete, entendido como atuação do pianista. Concebe-se que a escritura do texto-partitura está associada à interpretação e se instala no momento da enunciação, pois permite (re) conhecer a singularidade de seu corpo textual e dos corpos (do pianista, dos outros...), além de implantar, a cada interpretação, um quadro enunciativo (*eu-tu-aqui-agora*) irrepetível. O fato de o pianista, por meio do piano e a escritura, entendida como enunciação, serem tocados/realizados no presente, a experiência do instrumento conjuga o envolvimento do corpo que o pratica e o atualiza por um ato individual de utilização de um corpo anterior, ou seja, o texto-partitura permite pensá-lo como singularidade. Se a escritura ao ser articulada pelo sujeito-autor afeta todas as sensações, assim também ocorre com o pianista ao tocar. Neste sentido, escrever e tocar não são ações limitantes e estáveis, ao contrário, são fruições, sempre únicas e irrepetíveis. Em Benveniste, a instância de escritura e interpretação possibilita a passagem da língua ao discurso por meio da apropriação. Esse processo, neste estudo, ratifica a concepção de que variar em língua é um processo artístico, pois a gênese do texto – partituras, na profundidade de seus traços, compõem o processo de enunciação, cuja sincronia faz o texto-intérprete e abre o potencial do sentido.

Palavras-chave: Texto. Enunciação. Irrepetível.

¹⁷ Acadêmico do sétimo semestre do Curso de Música – Bacharelado em Piano da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

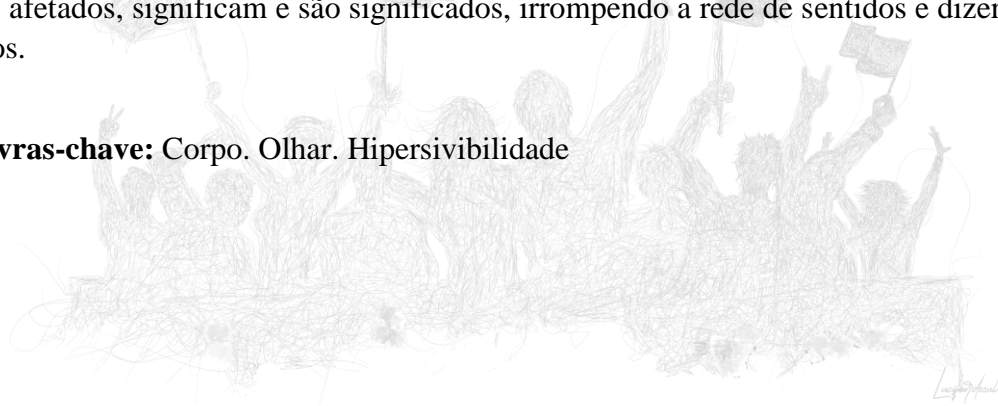
¹⁸ Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/FW). Doutora em Estudos da Linguagem, na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marcia.boabaid@ufsm.br

A hipervisibilidade do corpo-imagem no discurso jornalístico

Marluza Da Rosa (UFSM/FW)

“A visão se choca sempre com o inelutável volume dos corpos humanos”. Esta passagem de Didi-Huberman (2010), filósofo, historiador e crítico de arte, serve-nos de mote para discutir, pelo viés discursivo, o funcionamento da visibilidade midiática no campo jornalístico; hipervisibilidade esta que escamoteia o processo de invisibilização social do qual fazem parte os corpos migrantes, corpos que erram. Embora nosso olhar se acostume ao turbilhão das imagens que diariamente recebemos, algumas delas nos confrontam com a desorientação, com a inquietante estranheza de uma experiência que tange ao real, que se dá no limiar entre este, o imaginário e o simbólico, por se tratar de algo que se materializa no corpo, no acúmulo de corpos, no volume dos corpos humanos contra os quais a visão se choca – confronta-se, mas também se abala. O corpo-imagem do migrante em textos jornalísticos é tomado aqui como lugar de investigação da relação indelével entre o sujeito e o outro, o eu que deve se fazer outro para si mesmo; lócus de problematização da alteridade radical com a qual esse corpo nos confronta no campo do olhar. É na dimensão escópica, a qual convoca o/a olhar, que esses corpos-imagens afetam e são afetados, significam e são significados, irrompendo a rede de sentidos e dizeres já-postos.

Palavras-chave: Corpo. Olhar. Hipervisibilidade



Nós-outros: nomeação dos sujeitos refugiados e alienação

Giulia Mendes Gambassi (IEL/UNICAMP)¹⁹

Em nossa pesquisa de doutoramento trabalhamos com a análise das implicações subjetivas dos movimentos de migração forçada na contemporaneidade a partir de uma perspectiva discursivo-desconstrutiva que tem como corpus dizeres de sujeitos que sofreram essas migrações dentro e fora de seus países. O objetivo da comunicação aqui proposta é de cunho teórico-conceitual, voltada a discutir relações de alteridade e de alienação (a partir da psicanálise freudo-lacanianana) nos processos de nomeação desses sujeitos. Voltar-nos-emos, mais especificamente, aos refugiados, considerando a sociedade em que estamos inseridos, que visa apagar o hífen (derrideano) entre nós-outros, ou seja, que rejeita aquele que está do lado de lá da dicotomia eleita para se relacionar (ou não) com o outro, vendo-o como apenas diferente e, muitas vezes, rival. Partimos, então, do pressuposto de que as predicções que nos acompanham pela vida são a partir de outros que nos reconhecem e nos dizem assim e de que, principalmente no caso do sujeito refugiado, existe todo um aparato jurídico que possibilita ou não que ele seja assim nomeado, o que tem como consequência o acesso a políticas públicas e a direitos reservados a pessoas que passa(ra)m por migrações forçadas. Assim, sua inserção no campo do o/Outro abarca questões que são permeadas por relações de poder e de alteridade, estando esses sujeitos entre a sua pátria e o o/Outro, alienados ao que os nomeia e apaga ao mesmo tempo, desejando o desejo do o/Outro que não os deseja, o que acaba por se manifestar em ataques xenófobos que muitos migrantes sofrem ao longo dos séculos em diversas localidades do mundo.

Palavras-chave: Migração forçada. Refugiados. Identidade.

¹⁹ Orientadora: Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Corpos que atravessam fronteiras: a (re)produção da imagem do corpo migrante na mídia

Laura David Bucholz (UFSM/FW)²⁰

Tendo em vista as condições de produção atuais — os movimentos migratórios e a profusão de dizeres a esse respeito — este trabalho objetiva analisar as representações dos migrantes venezuelanos no Brasil em fotografias presentes em uma série de reportagens publicadas em 2018 — ano em que ocorreram ataques ao acampamento dos refugiados em Pacaraima (RR) — pelo jornal El País. Esta discussão advém de uma pesquisa ainda em andamento e tem como ponto de partida a problematização do binarismo subjetividade *versus* objetividade no jornalismo, visto que se espera do jornalista que informe e comunique da forma mais objetiva e imparcial possível. Porém, o fato de haver uma mediação exclui qualquer possibilidade de isenção, tendo em vista que são feitos recortes e enquadramentos que variam conforme as condições de produção e conforme às demandas do veículo para o qual se trabalha. Da mesma forma, quem interpreta o material também o interpreta através da sua subjetividade, pois traz para o texto fios de outras leituras anteriores (CORACINI, 2010), auxiliando na produção dos sentidos. Segundo Coracini (2015), acreditar que é possível observar um objeto sem “contaminá-lo” com sua subjetividade é enganar-se, cair num engodo. O que se vê nas mídias, neste caso, no portal digital do jornal El País, onde o *corpus* da pesquisa foi registrado, além de ser tomado como verdade absoluta, também pode (des)construir imagens sobre os assuntos pautados. No caso das reportagens em análise, selecionamos fotografias que auxiliam na problematização proposta. Vale ressaltar que, muitas vezes, o texto não-verbal é reduzido ao verbal, dando lugar a um efeito de objetividade da informação (SILVA, 2001), visto que imagens veiculadas, normalmente, são complementadas por títulos e legendas. A imagem, também compreendida como discurso, acaba sendo interpretada de maneira guiada pelos elementos verbais, fazendo com que se (re)afirmem e se (re)produzam imagens, nesse caso, dos migrantes, que já estão engessadas no imaginário social. Com isso, é relevante refletir sobre o papel social do jornalista como aquele que tem o poder de construir realidades (TRAQUINA, 2005). Pode-se, então, compreender como o jornalismo, visto como prática social e com grande poder de influência, dá visibilidade a assuntos tratados de forma estereotipada — nesta proposta, os migrantes venezuelanos no Brasil. Essas pessoas em situação de refúgio são recebidas com desconfiança e intolerância, muitas vezes, devido às representações que acabam por invisibilizá-las. Tendo em vista a urgência deste tema, é importante debater sobre a representação dos migrantes nas mídias, observando os efeitos causados por esse corpo estrangeiro que, geralmente, provoca incômodo.

Palavras-chave: imagem. Corpo. Migrantes.

²⁰ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade. Orientado pela Prof^a. Dr^a. Marluza da Rosa.

**A posição-sujeito Agricultor Familiar: um corpo midiaticado pela propaganda
“Agro, a indústria riqueza do Brasil”**

Alessandra Stefanello (UFSM)²¹

A Análise de Discurso atenta para como o discurso produz determinados sentidos e não outros. Ou seja, não é o que se diz e, sim, como se diz. Sendo esse o nosso ponto de partida, enfatizamos o discurso midiático, o qual toma diversos sujeitos e amplia a circulação de sentidos produzida sobre/nesses sujeitos. Por isso, corpos midiaticados. Nesse trabalho, atentamos para o sujeito agricultor familiar e a sua posição, quando midiaticados na propaganda da Rede Globo “Agro, a indústria riqueza do Brasil”. Para tanto, filiamos-nos à Análise de Discurso de matriz francesa, a qual compreende o sujeito entrelaçado à história, à ideologia e ao inconsciente. Assim, não podemos entender o discurso da mídia como neutro, uma vez que ele é produzido por sujeitos históricos, determinados ideologicamente e assujeitados pelas condições de produção. Consequentemente, a língua evidenciará esses furos, por isso, ela não é neutra e, muito menos, transparente. Com base nisso, investigamos o *corpus* desse trabalho, que contempla uma propaganda específica da linha “Agro, a indústria riqueza do Brasil”: trata-se um vídeo, de cerca de um minuto, sobre o tema “Agricultura Familiar é agro”. Em outras palavras, a agricultura familiar é representada dentro do sítio de significância do agronegócio. Junto a isso, a posição-sujeito agricultor familiar é deslocada para esse mesmo lugar de sentido. Ao final da análise, será possível compreender como o corpo discursivo agricultor familiar é constituído e midiaticado, se ele realmente ocupa essa posição a qual é designada para si e ainda se ele passa ou não se inscrever nesse lugar. Além disso, consideramos o efeito de completude da propaganda, sendo este constitutivo de todo e qualquer sujeito, visto que é próprio da forma-sujeito capitalista que nos interpela.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Midiaticado.

²¹ Orientador (a): Professora Doutora Caciene Medeiros.

Carolina Maria de Jesus: um olhar desde a Análise dos Discursos das Mídias

Camilla Machado Cruz (UFSM)²²

Neste estudo, visamos refletir sobre as posições-sujeito assumidas pela escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977), autora do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960). Tal obra constitui uma memória social sobre a favela, considerando que o sujeito discursivo ocupa determinado lugar na sociedade. Compreendemos os sujeitos como seres sociais construídos segundo uma identificação mediante uma interpelação, um discurso, ou seja, um efeito de sentido entre outros sujeitos, que se dá ideologicamente pela sua inscrição numa dada formação discursiva (ORLANDI, 1999). Nossa abordagem teórico-metodológica está vinculada a Análise de Discurso de Linha Francesa, com base nos estudos dos seguintes analistas do discurso: Michel Pêcheux (1990) e Eni Orlandi (1999, 2003). Consideramos que o sujeito integra uma posição no espaço social e produz um discurso definido por um lugar e tempo histórico, que vai situar-se em relação aos discursos do outro. As diferentes posições-sujeito se estabelecem de maneira descentralizada, conforme a formação discursiva em que o sujeito se inscreve, produzindo determinados efeitos de sentidos (PÊCHEUX, 1990). Desta forma, propomos uma reflexão sobre os desdobramentos do discurso midiático impresso a fim de observar e analisar como o sujeito Carolina Maria de Jesus assume diversas posições na mídia impressa da época, em razão do período histórico em questão, assim como de sua ideologia e de sua formação discursiva (FD) durante sua carreira de escritora. O corpus de nossas análises se compõe de recortes jornalísticos dos arquivos da hemeroteca do “Jornal O Globo”, especificamente reportagens sobre a escritora desde os anos sessenta até os dias atuais. A mídia é seletiva sobre o conteúdo que (re)produz, em um processo discursivo permanente de formulação e circulação de sentidos (MEDEIROS, 2013). Ao pensarmos discursivamente, a inscrição do sujeito é perpassada por mecanismos de personalização, que o individualizam e o inscrevem em diferentes posições, à medida que os conteúdos atualizados giram em torno de uma aparente obviedade e transparência dos sentidos. A questão acerca da interpretação de um enunciado midiático que pode parecer simples, depende de numerosos entrecruzamentos entre os discursos de representações que são produzidos na sociedade (CHARAUDEAU, 2006). Portanto, propomos mobilizar as possíveis posições-sujeito assumidas pela escritora Carolina Maria de Jesus, de acordo com as condições de produção daquele momento, observando a alternância do olhar da mídia impressa, atualmente disponível em formato digital, sobre este sujeito a partir da formação ideológica do “Jornal O Globo” especialmente. Entendemos que estas posições-sujeito, com o passar do tempo, circulam e constroem uma memória coletiva por meio dos discursos midiáticos que as veiculam na sociedade brasileira durante as últimas décadas.

Palavras-chave: Análise do Discurso (AD). Posição-sujeito. Discurso midiático.

²² Este trabalho foi desenvolvido sob a orientação da Professora Dra. Taís da Silva Martins (UFSM/PPGL/LABORATÓRIO CORPUS) e está vinculado ao Grupo de Estudos Língua, Política e História (GELPH), desenvolvido no Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem –, da Universidade Federal de Santa Maria.

A (in) visibilização da mulher negra no discurso publicitário: Análise discursiva a partir do comercial “Aliados pelo respeito” do Bradesco.

Carla Beatriz de David Ernesto (UNIPAMPA)

No imaginário social a mulher negra continua ocupando lugares de subalternidade e opressão, cultura reforçada pela hegemonia de uma sociedade que tem em sua gênese, o racismo. Djamila Ribeiro (2017, p.35) nos diz que “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos”. Logo, o presente trabalho terá como temática, a (in) visibilização da mulher negra no discurso publicitário. Nosso objetivo é analisar elementos discursivos de uma narrativa publicitária e o que ela problematiza sobre o tema. Para tal, a metodologia utilizada será a análise discursiva de John Thompson. O corpus em análise será o comercial “Aliados pelo respeito” do Bradesco do ano de 2018. Diante de um cenário que cultua o racismo e o machismo, é necessário problematizar como o discurso publicitário apresenta uma versão do imaginário social sobre negritude e gênero, pois, enquanto instituição, a propaganda tem um papel de refletir o comportamento da sociedade, visto que, existem alguns padrões que são seguidos por ideologias, e a partir dessa perspectiva, é importante pensarmos na construção de novos imaginários, para que se possa, como afirma Thompson (2011, p.394) “[...]elucidar como pessoas particulares, situadas em circunstâncias específicas, chegam a entender as mensagens e como as incorporam em suas vidas quotidianas”. Nessa perspectiva, um passo a ser dado é o de enfatizar a importância (re) pensar as ideologias impostas e que refletem o comportamento social, a partir do que é apresentado na propaganda, de acordo com Coutinho (2016, p.36) isto é, “[...] a propaganda em alguns momentos assume contornos que podem levar seus receptores a manifestarem uma ação de questionamento acerca da realidade por ela apresentada, sobretudo quando o assunto comunicado está relacionado ao social [...]”. Ou seja, nos interessa aqui, decodificar e compreender, o que está implícito no discurso publicitário em relação à temática apresentada e como esses efeitos se inserem no imaginário social.

Palavras-chave: Publicidade. Ideologia. Gênero.

Ressonâncias do Feminismo na nova versão da canção infantil argentina “Arroz con leche”: uma análise discursiva

Neosane Schelemmer (UFSM)
Camilla Machado Cruz (UFSM)²³

Neste estudo inicial, buscamos compreender como o feminismo ressoa no discurso presente na letra da canção do vídeo “Nueva versión de Arroz con leche” (YOUTUBE, 2018), em que uma criança, estudante de uma escola primária da Argentina, canta uma releitura da letra da canção infantil “Arroz con leche” (EL ESPECTADOR, 2018). Tal canção possui diversas versões em língua espanhola, inclusive na Argentina. Esta nova versão, criada pelo menino após a proposta didática de sua professora de reescrever a letra, ressignifica o discurso sexista presente na letra original, sobre casar-se com uma mulher idealizada que esteja apta para realizar tarefas domésticas. Para tanto, refletimos acerca de como a nova versão da canção “Arroz con leche” representa discursos feministas em um processo simbólico, tendo em vista que muitas vezes, canções infantis podem simbolizar de maneira diferenciada o homem e a mulher, formando imagens distintas e estereotipadas dos papéis socioculturais de gênero desde a infância (PONCELA, 2005). Cabe destacar que para nossas análises acercamo-nos do aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, com foco nos estudos de Michel Pêcheux (2006), e da analista de discurso brasileira Eni Orlandi (2009). Seleccionamos para nosso corpus, a letra da versão original da canção argentina “Arroz con leche”, a qual possui versos que demonstram um caráter ideológico machista, fato que interpretamos como um lado obscuro presente nas canções tradicionais infantis. Em seguida, analisamos a letra da música presente no vídeo da nova versão desta canção, buscando compreender como o discurso de igualdade de gênero está presente em seus versos. Considerando que todo enunciado pode deslocar-se e tornar-se outro, devido aos pontos de deriva passíveis de interpretação (PÊCHEUX, 2006), entendemos que na recriação da canção “Arroz con leche”, os sentidos enunciados sobre a mulher se deslocam, divergindo significativamente da versão original, assim como produzindo novas formulações sobre o já-dito, em um processo polissêmico que causa ruptura nos processos de significação na língua e na história (ORLANDI, 2009). Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem que visibilize as mulheres é capaz de emancipá-las politicamente (BUTLER, 2003). Desta forma, propomos uma análise dos discursos presentes na versão argentina e na nova versão desta canção infantil, popular em países de cultura e língua hispânica e que, neste contexto, produz sentidos feministas que contribuem para a igualdade de gênero na sociedade, de maneira a ressignificar sentidos sobre a mulher nos versos de uma canção para crianças, que busca a plena realização do objetivo de igualdade de gênero, o que supõe uma cultura de paridade na sociedade desde os entornos de escolarização apropriados, através da renovação de canções, em prol de oportunidades para que meninos e meninas possam desenvolver seu potencial e significar o sentido da igualdade.

Palavras-chave: Discurso. Igualdade de gênero. Feminismo.

²³ Esta pesquisa está sendo desenvolvida sob a orientação da Professora Dra. Taís da Silva Martins (UFSM/PPGL/LABORATÓRIO CORPUS/PET) no Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem –, da Universidade Federal de Santa Maria e está vinculada ao Grupo de Estudos Língua, Política e História (GELPH).

Eu morro mais hoje, ontem ou amanhã? Os dados sobre feminicídio no Rio Grande do Sul (recorte temporal 2012-2018)

Jennifer Souza Alvares (UFSM)²⁴
Larissa Montagner Cervo (UFSM)²⁵

O ano de 2015 marca o processo de consolidação de uma das reivindicações de grupos e estudos relacionados à violência contra a mulher, voltada à regulamentação de uma lei que tratasse especificamente sobre o crime por condição de gênero, como meio de dar visibilidade e punir os responsáveis com base em legislação específica: a Lei 13.104/2015, popularizada como *lei do feminicídio*. O projeto de mestrado em desenvolvimento concentra-se em estudos sobre tal crime, a fim de contribuir com as discussões ainda e tão já existentes ligadas às vidas ceifadas do gênero feminino. Para tanto, é necessário um apoio teórico-metodológico que contemple a possibilidade de desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, de modo a questionar até mesmo aquilo que parece “natural” aos olhos do mais cauteloso. A Análise de Discurso francesa, da corrente pecheuxtiana, é o apoio por nós escolhido para que se possa desenvolver um olhar para além da opacidade, buscando ver o funcionamento da língua(gem) como discurso sempre-já constituído de sentido, o não-dito significando tanto quanto o materializado discursivamente. Nessa apropriação teórica-analítica trabalhamos com a noção de recorte discursivo, tendo compreensão de que não é tudo em todo (e ao mesmo) tempo que pode ser objeto do analista; é necessário, então, estabelecer um ponto específico para se analisar. Nosso recorte se deu com base em duas tabelas²⁶ veiculadas pela Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul com dados referentes à violência contra a mulher nos anos 2012-2017 e 2018, respectivamente, sendo uma das seções especificamente sobre feminicídio; também, uma notícia digital de GaúchaZH²⁷, informando sobre o número de mortes entre os anos 2017-2018. Nosso objetivo nesse trabalho é problematizar o já-dito de que mais mulheres morrem atualmente que em anos anteriores, como vem sendo circulado pela grande massa da população nos últimos meses. O título, materialidade de destaque em uma matéria jornalística, ainda mais quando está em via digital e tendo grande circulação, anuncia que mais mulheres foram mortas em 2018 que em 2017, como se a cada ano aumentassem as ocorrências deste tipo de assassinato. Será a lei um agravante no aumento de casos? Mais mulheres morrem hoje que ontem? Os números desse crime se multiplicarão no amanhã? Sobre o último questionamento não nos é possível afirmar nem o sim nem o não; contudo, os dois primeiros são a base de nossa reflexão e discussão aqui propostas, a fim de evidenciar que não é o número de anulação de vidas que tem aumentado, muito menos que a

²⁴ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria em nível de mestrado, integrando a linha de pesquisa Língua, Sujeito e História. Pesquisadora financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)\DS.

²⁵ Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria. Orientadora de pós-graduação stricto sensu.

²⁶ Disponível em: <https://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contr-a-mulher>. Acesso em 04/04/2019.

²⁷ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/01/feminicidios-aumentam-41-no-rio-grande-do-sul-cjqp6qh30q6u01pi16ztccpg.html>. Acesso em: 04/04/2019.

regulamentação do feminicídio seja um potencializador de tentativas consumadas. Mulheres são mortas por estarem inseridas em uma sociedade patriarcal, cuja pirâmide insere a figura do feminino abaixo do masculino, como um tendo dominação sobre o outro. Quando tal pirâmide desmantela-se da formulação patriarcalista, abre-se a possibilidade da violência como controle sobre o sujeito mulher. Eis aí o ponto crucial de nossa problematização ancorada em uma visão teórica sócio-histórica do feminicídio em solo gaúcho.



*Os resumos são responsabilidade de seus autores.

CORPOS (INS)URGENTES

23 e 24
M A I O
2 0 1 9

SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA



REALIZAÇÃO:



APOIO:

